

*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*



A REDENÇÃO DE GABRIEL



SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*

A REDENÇÃO DE GABRIEL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

A REDENÇÃO
DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD



Título original: *Gabriel's Redemption*
Copyright © 2013 por Sylvain Reynard
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group,
um membro da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flavia Midori e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Homem: Fuse / Getty Images

Casal: Ivan Bliznetsov / iStockphoto

Fumaça verde: G. K. / Dreamstime.com e Prillfoto / Dreamstime.com

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R351r

Reynard, Sylvain

A redenção de Gabriel [recurso eletrônico] / Sylvain Reynard [tradução de
Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Tradução de: Gabriel's redemption

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-241-3 (recurso eletrônico)

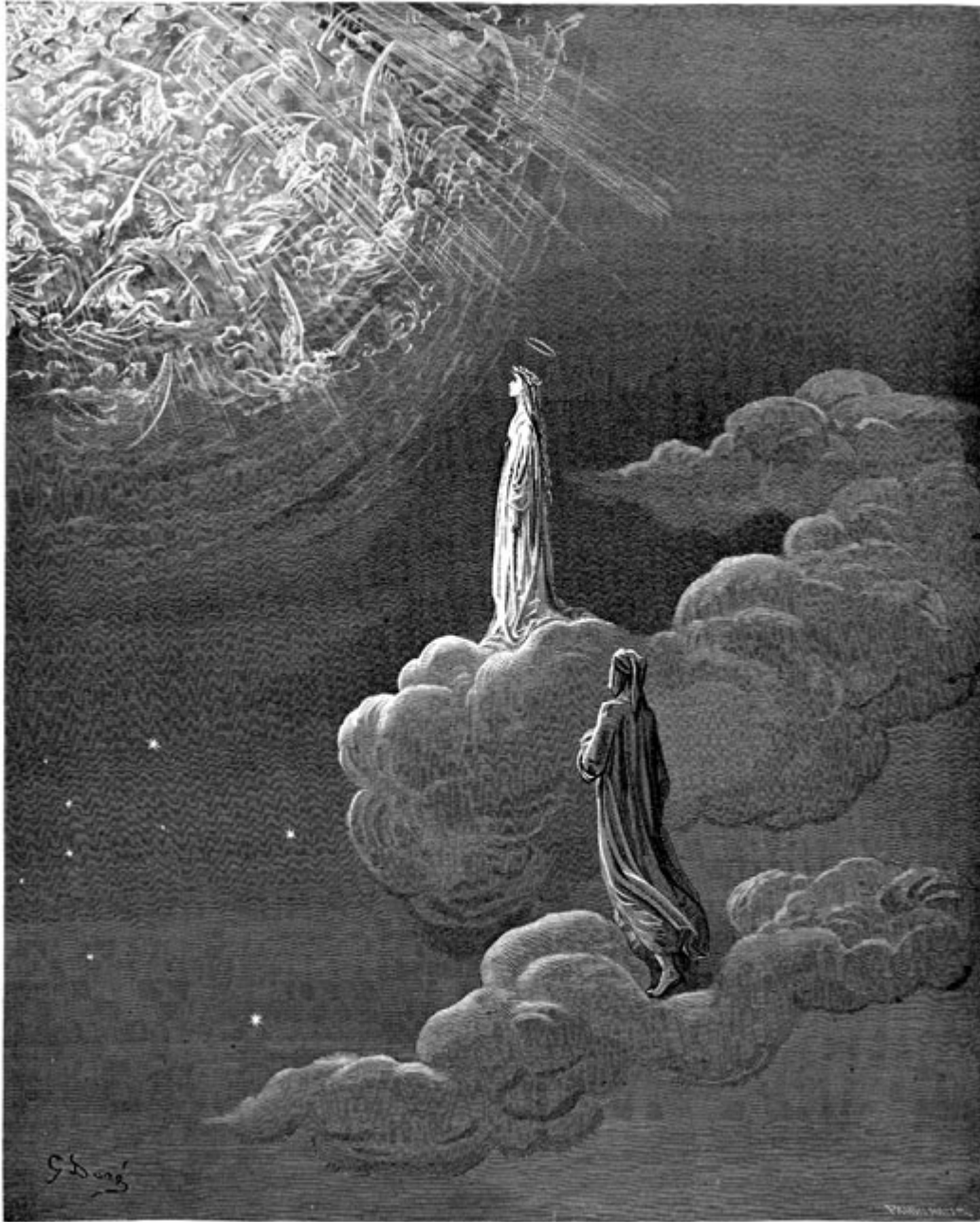
1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

13-
07153

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Aos meus leitores,
com gratidão.*



Dante e Beatriz ascendem à esfera de Marte
Gravura de Gustave Doré, c. 1868

“A esperança”, disse eu, “é a expectativa segura
Da glória futura, que resulta
Da graça divina e do mérito precedente.”

– DANTE ALIGHIERI, *Paraíso*, Canto 25

Prólogo

1292

Florença, Itália

O poeta se levantou da mesa e olhou pela janela sua adorada cidade. Embora a arquitetura e as ruas o chamassem, o faziam com vozes ocas, sem vida. Era como se uma grande luz tivesse se apagado, não só na cidade, mas no mundo todo.

*“Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua domina gentium...”**

Ele correu os olhos pela citação do Livro das Lamentações, da Bíblia, que escrevera havia pouco. As palavras do profeta Jeremias eram tristemente inadequadas.

– Beatriz – sussurrou ele, o coração se apertando no peito. Mesmo agora, dois anos após sua morte, era-lhe difícil escrever sobre essa perda.

Ela permaneceria para sempre jovem, nobre, e seria eternamente sua bem-aventurança, e nem toda a poesia do mundo conseguiria expressar sua devoção por ela. Mas, em consideração a sua memória e ao amor dos dois, ele tentaria.

* “Como está deserta a cidade, antes tão cheia de gente! Como se parece com uma viúva, a que antes era grandiosa entre as nações!” – Lamentações 1:1, NVI (N. do E.)

CAPÍTULO UM

Junho de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

O professor Gabriel Emerson estava parado à porta do seu escritório, com as mãos nos bolsos, olhando para a esposa com considerável paixão. Alto e atlético, ele tinha uma imagem arrebatadora, com seus traços rústicos e olhos cor de safira.

Ele a conhecera quando ela era uma jovem de 17 anos (dez a menos do que ele) e se apaixonara. Os dois haviam sido separados pelo tempo e pelas circunstâncias, mas, acima de tudo, pelo estilo de vida hedonista de Gabriel.

Ainda assim, o Céu lhes havia sorrido. Seis anos mais tarde ela se tornara sua aluna de pós-graduação em Toronto, o que reacendeu a paixão entre eles. Casaram-se um ano e meio depois. Agora que já tinham quase seis meses de casados, ele a amava ainda mais do que antes. Invejava até o ar que ela respirava.

Havia esperado tempo demais pelo que estava prestes a fazer. Talvez ela precisasse ser seduzida, mas Gabriel orgulhava-se de ser um mestre da sedução.

Os acordes da canção “Mango”, de Bruce Cockburn, flutuavam pelo ar, evocando lembranças da viagem a Belize, que eles fizeram antes de se casarem. Na ocasião, tinham feito amor em vários lugares ao ar livre, inclusive na praia.

Julia estava sentada à mesa, sem se dar conta da música ou de que ele a observava. Digitava no laptop, cercada de livros, pastas de arquivo e de duas caixas de papéis que Gabriel fizera a gentileza de trazer do andar de baixo da antiga casa de seus pais.

Havia uma semana que estavam morando em Selinsgrove – uma trégua em suas vidas agitadas em Cambridge, Massachusetts. Gabriel dava aulas na Universidade de Boston, e Julia terminara pouco tempo antes o primeiro ano do doutorado em Harvard, sob a orientação de uma brilhante acadêmica, ex-professora de Oxford. Eles haviam fugido de Cambridge porque a casa na Harvard Square estava uma bagunça, por conta de uma reforma para expandi-la.

A casa da família Clark em Selinsgrove fora reformada antes de eles chegarem, seguindo com exatidão os padrões de Gabriel. Grande parte da mobília deixada por Richard, o pai adotivo de Gabriel, tinha ido para um depósito.

Julia escolhera cortinas e móveis novos e convencera Gabriel a ajudá-la a pintar as paredes. O gosto estético dele pendia mais para madeiras escuras e couro marrom, mas Julia preferia as cores claras de uma casa de praia, com paredes e mobília pintadas de branco, realçadas com vários tons de azul.

Gabriel havia pendurado no escritório reproduções de pinturas que enfeitavam a casa deles na Harvard Square – *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday, *Primavera*, de Botticelli, e *Madona com a criança e dois anjos*, de Fra Filippo Lippi. Ele se pegou analisando com atenção o último quadro.

Era possível dizer que aquelas pinturas ilustravam as etapas do relacionamento deles. A primeira retratava o encontro dos dois e a obsessão crescente de Gabriel por Julia. A segunda representava a flecha de Cupido atingindo-a quando ele já não se lembrava dela, além do namoro e do casamento subsequente. Por fim, a pintura da Madona mostrava o que Gabriel esperava do futuro.

Aquela era a terceira noite que Julia passava sentada à mesa, preparando sua primeira palestra pública, que ela daria em Oxford no mês seguinte. Quatro dias antes, quando os móveis ainda não tinham sido entregues, eles haviam feito amor no chão do quarto, sujos de tinta.

(Julia descobrira que pintura corporal com Gabriel era seu novo esporte favorito.)

Com as lembranças da conexão física entre eles em mente e ouvindo o ritmo da música acelerar, a paciência dele chegou ao fim. Eles eram recém-casados. Gabriel não tinha a menor intenção de deixar que ela o ignorasse por mais uma noite.

Aproximou-se dela, sorrateiro, com passos silenciosos. Afastou os cabelos de Julia, que lhe caíam sobre os ombros, expondo seu pescoço. Os pelos curtos da barba por fazer roçaram a pele dela, e ele intensificou seus beijos.

– *Venha* – sussurrou ele.

A pele de Julia se arrepiou. Os dedos longos e finos de Gabriel contornavam o arco do seu pescoço enquanto ele esperava.

– Ainda não terminei a palestra. – Julia ergueu seu belo rosto para encará-lo. – Não quero que a professora Picton passe vergonha, afinal foi ela quem me convidou. Sou a mais jovem do doutorado.

– Você não vai fazê-la passar vergonha. E ainda tem muito tempo para terminar a palestra.

– Preciso arrumar a casa para a sua família. Eles vão chegar daqui a dois dias.

– Eles não são minha família. – Gabriel a encarou com um olhar tórrido. – São a *nossa* família. E vou contratar uma empregada. Venha. Traga a manta.

Julia se virou e viu uma familiar manta de lã escocesa jogada sobre a poltrona branca que ficava debaixo da janela. Olhou para o bosque que delimitava o quintal.

– Está escuro.

– Eu protejo você.

Ele a ajudou a se levantar e envolveu-lhe a cintura com os braços por alguns instantes, colando seu peito ao dela.

Julia sentiu o calor do corpo dele através do tecido fino de seu vestido de verão, a temperatura reconfortante e sedutora.

– Por que você quer visitar o pomar no escuro? – provocou ela, tirando os óculos do rosto do marido e pousando-os sobre a mesa.

Gabriel a fitou com um olhar capaz de derreter neve. Então, colando os lábios à orelha dela, disse:

– Quero ver sua pele nua brilhar sob o luar *enquanto estou dentro de você*.

Ele mordiscou de leve a orelha de Julia. Em seguida, começou a explorar seu pescoço, cobrindo-o de beijos e mordidinhas, fazendo os batimentos cardíacos dela acelerarem.

– Uma declaração de desejo – sussurrou ele.

Julia se entregou às sensações, finalmente percebendo a música no ar. Sentiu o cheiro de Gabriel, uma mistura de hortelã e Artemis.

Ele a soltou, observando-a pegar a manta como um gato observaria um rato.

– Imagino que Guido da Montefeltro possa esperar – disse ela, olhando para suas anotações.

– Ele está morto há setecentos anos. Eu diria que já está acostumado a esperar – falou ele, sorrindo.

Julia retribuiu o sorriso, ajeitando a manta nos braços para segurar a mão que Gabriel lhe oferecia.

Enquanto eles desciam as escadas e atravessavam o jardim, uma expressão travessa tomou o rosto de Gabriel.

– Você já fez amor em um pomar antes?

Ela arregalou os olhos e negou com a cabeça.

– Então fico feliz em ser o primeiro.

Julia apertou a mão dele com mais força.

– Você é meu último, Gabriel. O único.

Ele acelerou o passo e acendeu a lanterna quando os dois adentraram o bosque atrás da casa. Gabriel foi na frente, evitando as raízes expostas e as irregularidades do terreno.

Era junho e fazia muito calor na Pensilvânia. O bosque era cerrado e o dossel formado pelas copas das árvores bloqueava a maior

parte da luz da lua e das estrelas. O canto noturno dos pássaros e o som dos gafanhotos fazia com que o ar parecesse estar vivo.

Em pouco tempo eles chegaram à clareira. Flores do campo salpicavam o espaço verde. No outro extremo da clareira havia diversas macieiras antigas. Por trás dos vestígios do velho pomar, as novas árvores que Gabriel havia plantado erguiam seus galhos para o céu.

À medida que eles se aproximavam do centro da clareira, o corpo de Gabriel foi relaxando. Algo naquele lugar, quer fosse sagrado ou não, sempre o tranquilizava.

Julia o observou estender a manta com cuidado sobre a grama espessa, desligando a lanterna em seguida. A escuridão os envolveu como uma capa de veludo.

A lua cheia brilhava no céu, sua face pálida vez por outra ocultada por nuvens passageiras. Estrelas cintilavam sobre suas cabeças.

Gabriel passou as mãos pelos braços dela, antes de percorrer com os dedos o singelo decote do seu vestido de verão.

– Gosto disto – murmurou ele.

Admirou sem pressa a beleza da esposa, evidente até mesmo na penumbra: o contorno das maçãs do rosto, os lábios carnudos, os olhos grandes e expressivos. Gabriel ergueu o queixo de Julia e colocou seus lábios aos dela.

Foi o beijo de um amante fervoroso, que queria comunicar com sua boca o desejo que sentia. Ele pressionou seu corpo alto contra as formas delicadas de Julia, os dedos se emaranhando nos cabelos castanhos e sedosos dela.

– E se alguém nos vir? – perguntou ela, ofegante, antes de enfiar a língua na boca de Gabriel.

Ela explorou ardorosamente o seu corpo até ele recuar.

– Este bosque é particular. E, como você mesma disse, está escuro.

As mãos dele encontraram a cintura de Julia, espalmando-se sobre a base das suas costas.

Ele acariciou as covinhas que ela tinha ali, como se fossem adorados marcos geológicos, antes de subir até seus ombros. Sem cerimônia, Gabriel tirou o vestido dela devagar, largando-o sobre a manta. Então abriu o sutiã com um simples girar de dedos.

Ela deu uma risadinha diante daquele movimento hábil, enquanto segurava o sutiã no lugar para se cobrir. Era de renda preta e provocativamente transparente.

– Você é muito bom nisso – comentou ela.

– Em quê?

Gabriel aninhou os seios dela em suas mãos grandes, por sobre o sutiã.

– Em tirar sutiãs no escuro.

O silêncio de Gabriel ecoou ao redor deles. Ele não gostava de ser lembrado do seu passado.

Julia ficou na ponta dos pés para dar um beijo no queixo anguloso dele.

– Não estou reclamando. Afinal, quem sai ganhando com sua habilidade sou eu.

Ao ouvir essas palavras, ele traçou os contornos dos seios de Julia através da renda.

– Por mais que eu goste da sua lingerie, Julianne, prefiro você nua.

– Não sei... – Ela espiou por sobre o ombro, vasculhando a área em torno da clareira. – Parece que alguém vai nos interromper a qualquer momento.

– Olhe para mim.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Estamos sozinhos aqui. E o que vejo é de tirar o fôlego.

Com mais um movimento provocante, ele soltou os seios de Julia e deslizou as mãos pelas colinas e pelos vales das costas dela,

espalmando-as em seguida sobre os quadris. Os dedos dele pairavam sobre a pele dela.

– Eu vou cobrir você.

– Com o quê? Com a manta?

– Com o meu corpo. Mesmo que alguém nos surpreenda, não vou deixar que a vejam. Eu prometo.

O canto dos lábios de Julia se curvaram num sorriso.

– Você pensa em tudo.

– Só penso em você. Você é tudo para mim.

Gabriel aceitou os lábios que ela lhe oferecia e, contendo-se ao máximo, descolou o sutiã de renda do corpo de Julia. Beijou-a com paixão, explorando languidamente sua boca, antes de baixar sua calcinha.

Agora ela estava nua à sua frente, no pomar deles.

Ó deuses do sexo em pomares, pensou ela. *Por favor, não permitam que ninguém nos interrompa.*

Ela tirou a blusa de Gabriel com avidez, os dedos brincando com os poucos fios de cabelo no peito dele. Então deslizou as mãos por seus músculos abdominais para desafivelar o cinto.

Quando os dois estavam nus, ele a envolveu em seus braços e Julia deu um suspiro.

– Ainda bem que está calor – sussurrou ele. – Só trouxemos uma manta.

Com um sorriso, ela se deitou no chão e Gabriel a cobriu com seu corpo. Seus olhos azuis fitaram os dela enquanto ele pousava as mãos uma em cada lado do seu rosto.

– “Ao Leito Nupcial eu a levo, suas faces rubras como a manhã: nessa hora, todo o Céu e as jubilosas estrelas sobre nós...”

– *Paraíso perdido* – sussurrou ela, acariciando a barba por fazer em seu queixo. – Mas, aqui, só consigo pensar em Paraíso encontrado.

– Deveríamos ter nos casado aqui. Deveríamos ter feito amor pela primeira vez aqui.

Ela correu os dedos pelos cabelos de Gabriel.

– Estamos aqui agora.

– Foi neste lugar que descobri a verdadeira beleza.

Ele tornou a beijá-la, suas mãos a explorando com carinho. Julia retribuiu as carícias e a paixão dos dois se inflamou, ardendo em chamas.

Nos meses que se seguiram ao casamento, o desejo que sentiam um pelo outro não diminuiu, tampouco a doçura com que se amavam. As palavras se dissolviam, fundiam-se a movimentos, toques e à bênção do amor físico.

Gabriel conhecia a esposa: conhecia sua libido e sua excitação, sua impaciência e seu êxtase. Eles fizeram amor cercados pela escuridão e pelo verde da natureza.

Na extremidade da clareira, as velhas macieiras que observaram o amor casto dos dois no passado desviaram os olhos com pudor.

Depois de enfim recuperarem o fôlego, Julia ficou deitada ali, leve como uma pluma, admirando as estrelas.

– Tenho um presente para você.

Ele tateou em busca da lanterna e a usou para encontrar a calça. Quando voltou para o lado de Julia, prendeu um objeto frio em torno do seu pescoço.

Julia olhou para baixo e viu um colar com três pingentes: um coração, uma maçã e um livro.

– É lindo – sussurrou ela, acariciando os pingentes um a um.

– Mandei vir de Londres. As argolas e os pingentes são de prata, com exceção da maçã, que é de ouro. Ela representa o dia em que nos conhecemos.

– E o livro?

– Tem “Dante” gravado na capa.

Ela olhou para ele um pouco envergonhada.

– Por acaso me esqueci de alguma data especial?

– Não. Mas eu gosto de lhe dar presentes.

Julia o beijou com paixão e ele a deitou de costas, tornando a afastar a lanterna.

Quando se separaram, ele pousou a mão na barriga lisa de Julia e levou os lábios ao ponto logo abaixo do polegar.

– Quero plantar meu filho aqui.

As palavras dele ecoaram na clareira e Julia ficou petrificada.

– O quê?

– Quero ter um filho com você.

Ela prendeu a respiração.

– Tão cedo?

O polegar dele percorreu sua pele.

– Nunca sabemos quanto tempo nos resta.

Julia pensou em Grace, a mãe adotiva de Gabriel, e em sua própria mãe, Sharon. Ambas haviam morrido cedo, mas sob circunstâncias muito diferentes.

– Dante perdeu Beatriz quando ela tinha apenas 24 anos – prosseguiu ele. – Perder você seria devastador.

Julia ergueu a mão para tocar a covinha no queixo dele.

– Nada dessa conversa mórbida. Não aqui, depois de celebrarmos a vida e o amor.

Gabriel deu vários beijos arrependidos na barriga de Julia antes de se reclinar de lado.

– Já sou quase mais velha que Beatriz e estou saudável. – Ela pousou a mão no peito de Gabriel, sobre a tatuagem de um coração que sangrava, tocando o nome inscrito nele. – Sua ansiedade é por causa de Maia?

O rosto dele ficou tenso.

– Não.

– Se for, não tem problema.

– Eu sei que ela está feliz.

– Também acredito nisso. – Julia hesitou, como se quisesse falar algo mais.

– O que foi?

– Estava pensando em Sharon.

– E?

– Ela não foi uma mãe exemplar.

Ele se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dela.

– Você será uma excelente mãe. É carinhosa, paciente e tem bom coração.

– Não saberia o que fazer.

– Nós descobriríamos juntos. Eu é que deveria estar preocupado. Meus pais biológicos eram a personificação dos comportamentos não funcionais e não poderiam ter sido mais disfuncionais. E meu passado está longe de ser moralmente impecável.

Julia balançou a cabeça.

– Você é ótimo com o bebezinho da Tammy. Até o seu irmão concorda com isso. Mas ainda é muito cedo para termos um filho, Gabriel. Só estamos casados há seis meses. E quero terminar meu doutorado.

– Eu concordei com isso, lembra? – Ele deslizou um dedo pelo arco das costelas de Julia.

– A vida de casados é maravilhosa, mas tem sido uma adaptação. Para nós dois.

Ele deteve seus movimentos.

– É verdade. Mas precisamos conversar sobre o futuro. Quanto antes eu falar com meu médico, melhor. Faz tanto tempo que fiz a vasectomia que talvez não seja possível revertê-la.

– Há mais de uma maneira de formar uma família. Podemos cogitar outras possibilidades médicas. Podemos adotar uma criança do orfanato franciscano em Florença. Na hora certa. – O rosto dela se encheu de esperança.

Ele afastou um cacho do rosto dela.

– Podemos fazer todas essas coisas. Pretendo levá-la à Úmbria depois da conferência, antes de irmos à exposição em Florença. Mas, quando voltarmos da Europa, gostaria de conversar com meu médico.

– Está bem.

Ele a puxou para cima de si. Uma estranha corrente elétrica pareceu percorrer os dois quando Gabriel a agarrou pelos quadris.

– Assim que você estiver pronta, podemos começar a tentar.

Ela sorriu.

– Talvez seja melhor praticarmos bastante antes.

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, Julia acordou bem cedo, sobressaltada. Ainda não havia amanhecido e o quarto estava silencioso; os únicos sons eram o da respiração ritmada de Gabriel e o chilrear distante dos pássaros lá fora.

Ela puxou as cobertas para junto do peito nu e fechou os olhos, forçando a respiração a se acalmar. Isso serviu apenas para trazer as cenas do seu pesadelo à tona com total clareza.

Ela estava em Harvard, correndo pelo campus à procura do local da sua prova de qualificação. Julia parava todos que encontrava pelo caminho, implorando por ajuda, mas ninguém parecia saber onde a banca examinadora estava reunida.

Então ouviu o som de alguém chorando e ficou chocada ao ver que havia um bebê em seus braços. Ela o colou ao peito, tentando silenciá-lo, mas a criança não parava de chorar.

De repente, estava parada diante do professor Matthews, o chefe do departamento. Um grande cartaz à sua esquerda indicava que a prova estava acontecendo na sala atrás dele. Matthews bloqueava a porta e dizia a Julia que não era permitida a entrada de crianças.

Ela tentou argumentar. Prometeu que não deixaria o bebê chorar. Implorou que ele lhe desse uma chance. Todas as esperanças e o sonho de terminar o doutorado e se tornar uma especialista em Dante dependiam daquela prova de qualificação. Se não a fizesse, seria afastada do programa.

Foi então que a criança em seus braços começou a gritar. O professor Matthews fechou a cara e apontou para as escadas, mandando-a ir embora.

Julia sentiu um braço sobre seu corpo, abraçando-a. Olhou para o lado e viu que Gabriel ainda dormia. Algo em seu estado inconsciente deve tê-lo impelido a confortá-la. Observou-o com uma mistura de amor e ansiedade, o corpo ainda tremendo por causa do pesadelo.

Ela se levantou, cambaleou até o banheiro, acendeu as luzes e abriu o chuveiro. Esperava que a água quente a acalmasse. As luzes fortes sem dúvida ajudaram a dispersar um pouco a escuridão.

Debaixo do chuveiro de teto, tentou esquecer o pesadelo e outras preocupações que lutavam para vir à tona em sua mente – a palestra, a visita iminente da família, a repentina necessidade de Gabriel de ter um filho...

Julia levou os dedos ao colar em seu pescoço. Sabia que Gabriel queria ter filhos com ela. Eles já haviam conversado sobre isso antes mesmo de ficarem noivos. Mas também tinham concordado em esperar até ela terminar o doutorado. Isso levaria ainda uns cinco ou seis anos.

Por que ele está tocando nesse assunto agora?

A pesquisa já era motivo suficiente de ansiedade. Em setembro, estaria de volta às aulas, preparando-se para a prova de qualificação que precisaria fazer no ano seguinte.

Mais urgente ainda era a palestra que daria em Oxford dentro de semanas. No semestre anterior, Julia havia escrito um artigo sobre Guido da Montefeltro para o curso da professora Marinelli. Ela gostara muito do resultado e mencionara o artigo para a professora Picton, que incentivou Julia a submeter um resumo aos organizadores da conferência.

Julia ficara eufórica ao saber que sua proposta havia sido aceita. Mas a ideia de estar diante de uma plateia de especialistas em Dante e palestrar sobre temas em que eles eram muito mais especializados do que ela era intimidadora.

Agora, Gabriel estava falando em reverter a vasectomia quando eles voltassem da Europa, em agosto.

E se a vasectomia fosse revertida com sucesso?

Julia foi tomada pela culpa. É claro que ela queria ter um filho dele. E sabia que reverter a vasectomia era mais do que um simples procedimento cirúrgico. Seria um gesto simbólico – significaria que ele finalmente havia se perdoado pelo que acontecera com Paulina e Maia. Que enfim começara a acreditar que era digno de gerar e criar um filho.

Eles haviam rezado por isso. Depois do casamento, tinham ido à cripta de São Francisco e feito uma prece espontânea e íntima, pedindo que Deus abençoasse o casamento e lhes desse uma criança.

Se Deus quiser atender às nossas preces, como posso dizer “agora não”?

Julia teve medo de estar sendo egoísta. Talvez devesse priorizar os filhos, e não seus estudos e suas ambições. Harvard não iria a lugar nenhum. Muita gente voltava à universidade depois de começar uma família.

E se Gabriel não quiser esperar?

Ele tinha razão ao dizer que a vida era curta. O fato de terem perdido Grace era prova disso. Assim que Gabriel se soubesse capaz de gerar uma criança, era provável que fosse querer fazer isso sem demora. Como ela poderia dizer *não*?

Gabriel era uma chama que consumia tudo ao redor. Suas paixões e vontades pareciam sobrepujar os desejos de todos à sua volta. Certa vez ele lhe confessara que ela era a única mulher que tinha lhe dito *não*. Isso provavelmente era verdade.

Julia temia não ser capaz de dizer *não* ao maior anseio dele. Ela seria tomada pelo desejo de agradá-lo, de fazê-lo feliz – e, para isso, sacrificaria a própria felicidade.

Ela não tivera quase nada quando criança. Sua infância com Sharon em St. Louis fora marcada pela pobreza e pela negligência. Mas Julia havia se destacado na escola. A inteligência e a disciplina foram seus trunfos nas universidades de Saint Joseph e Toronto.

Seu primeiro ano em Harvard tinha sido um sucesso. Não era hora de desistir ou abandonar o curso. Não era hora de ter um filho.

Julia cobriu o rosto com as mãos e pediu a Deus que lhe desse forças.



Algumas horas depois, Gabriel entrou na cozinha com seus tênis de corrida e um par de meias nas mãos. Usava short e uma blusa de Harvard e estava prestes a pegar uma garrafa d'água na geladeira quando viu Julia sentada à ilha da cozinha, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Aí está você. – Ele largou os tênis e as meias no chão e lhe deu um insistente beijo de bom-dia.

Foi então que notou os olhos cansados da esposa e as manchas roxas debaixo deles. Ela parecia chateada.

– O que houve?

– Nada. Acabei de limpar a cozinha e a geladeira e agora estou fazendo uma lista de compras.

Ela apontou para uma grande folha de papel coberta pela sua letra caprichada. Ao seu lado havia uma xícara cheia até a metade de café frio, assim como outra lista de tarefas igualmente longa.

Gabriel correu os olhos pela cozinha, que brilhava. Até o piso estava imaculado.

– São sete da manhã. Não está um pouco cedo para faxina?

– Tenho muito o que fazer. – Ela não parecia animada.

Gabriel pegou sua mão e acariciou a palma com o polegar.

– Você parece cansada. Não dormiu bem?

– Acordei cedo e não consegui pegar no sono outra vez. Preciso arrumar os quartos e limpar os banheiros. Depois, tenho que ir ao mercado e planejar as refeições. E... – Ela deu um suspiro trêmulo.

– E? – perguntou ele, baixando a cabeça para fitar os olhos dela. Julia tinha voltado a olhar para a longa lista de tarefas.

– Preciso me apressar. Ainda nem troquei de roupa. – Ela juntou as beiradas do seu roupão azul-claro e começou a se levantar.

Gabriel a deteve.

– Você não precisa fazer nada. Eu falei que iria encontrar alguém para limpar a casa e vou fazer isso. – Ele apontou a lista de compras. – Posso passar no mercado depois da minha corrida.

Os ombros dela relaxaram um pouco.

– Isso ajudaria. Obrigada.

Ele aninhou o rosto dela em uma das mãos.

– Volte para a cama. Você está exausta.

– Ainda falta muita coisa para fazer – sussurrou ela.

– Deixe comigo. Você precisa trabalhar na sua palestra. – Ele lhe ofereceu um meio sorriso. – Mas durma um pouco antes. Uma mente cansada é incapaz de trabalhar direito.

Ele tornou a beijá-la e a conduziu até o segundo andar. Afastou as cobertas de cima da cama, ficou olhando enquanto ela se acomodava e então a cobriu.

– Sei que é a primeira vez que recebemos convidados em casa. Não espero que você faça o papel de empregada. E certamente não quero que nossos parentes atrapalhem seus prazos. Passe o restante do dia trabalhando no escritório. Esqueça qualquer outra coisa. Eu cuido de tudo.

Ele pressionou os lábios na testa dela e apagou a luz, deixando Julia dormir.



Gabriel costumava ouvir música enquanto corria, mas nessa manhã sua mente estava distraída. Julianne estava sobrecarregada; isso era óbvio. Não tinha o hábito de levantar cedo e, pela sua cara de cansaço, estava acordada havia horas.

Talvez não devessem ter convidado a família para uma visita antes da palestra dela. Gabriel nunca recebera mais de uma ou duas pessoas de cada vez – e, mesmo nessas ocasiões, contava com a ajuda de uma empregada e de uma conta bancária que lhe permitia levar seus hóspedes para comer fora.

Pobre Julianne. Gabriel se lembrou de seu próprio tempo em Harvard. Na época, as férias nunca eram um verdadeiro descanso, pois sempre havia trabalho a fazer, línguas para aprender e provas para as quais se preparar.

Era um alívio ser professor titular. Ele não trocava de lugar com Julia por nada. Ainda mais sabendo que costumava lidar com as pressões da pós-graduação bebendo, cheirando cocaína e transando com P...

Gabriel tropeçou e foi jogado para a frente quando o bico do seu tênis ficou preso na calçada. Ele se ajeitou depressa e recuperou o ritmo, forçando-se a se concentrar em seus passos.

Não gostava de pensar nos anos que passara em Harvard. Desde que tinha voltado a morar em Cambridge, suas experiências com as drogas lhe voltavam à mente com tanta clareza que, às vezes, ele poderia jurar que sentia a cocaína entrando pelas suas narinas. Quando dirigia pelo campus da universidade ou entrava em um dos seus prédios, sentia uma fissura tão intensa que chegava a doer.

Até ali, com a graça de Deus, havia resistido. As reuniões semanais nos Narcóticos Anônimos sem dúvida tinham ajudado, assim como as consultas mensais com um terapeuta.

E além disso, é claro, havia Julianne.

Se Gabriel tinha de fato entrado em contato com um poder superior em Assis, no ano passado, Julianne era seu anjo da guarda. Ela o

amava, o inspirava, tornava sua casa um lar. Mas ele não conseguia se livrar do medo de que o Céu lhe havia sorrido apenas para ganhar tempo antes de tirá-la dele.

Gabriel mudara em vários sentidos desde a época em que Julianne era sua aluna. Porém ainda não conseguira abandonar a crença de que não era digno de uma felicidade duradoura. Como o próprio terapeuta alertara, ele sempre caía no mesmo padrão de autossabotagem.

Grace, sua mãe adotiva, morrera de câncer cerca de dois anos antes. Sua morte prematura simbolizava quanto a vida é curta e incerta. Se ele perdesse Julianne...

Se tivesse um filho com ela, jamais a perderia, uma voz baixa e serena sussurrou em seu ouvido.

Gabriel acelerou o passo. A voz tinha razão, mas não expressava o principal motivo para ele querer ter um bebê com Julianne. Queria uma família com filhos – uma vida cheia de riso e da certeza de que ele poderia consertar os erros cometidos pelos pais biológicos.

No entanto, ele não dividia esses conflitos internos com a esposa. Julia tinha muitas preocupações e ele detestaria lhe causar mais. Ela se preocuparia com seus vícios e medos, e Gabriel já a fizera sofrer muito.

Enquanto corria pelo familiar trajeto de sua antiga vizinhança, ele se perguntava por que Julia estaria tão abatida mais cedo. Tinham passado uma noite incrível juntos, celebrando o amor no pomar e depois na cama. Quebrou a cabeça tentando descobrir se havia feito algo que a magoara. Mas o sexo entre os dois tinha sido, como sempre, tão apaixonado quanto carinhoso.

Havia outra possibilidade e Gabriel se amaldiçoou por não ter pensado nela antes. Julianne sempre demonstrou certa ansiedade por voltar a Selinsgrove. Um ano e meio atrás, seu ex-namorado, Simon, invadira a casa do pai dela e a atacara. Pouco depois, a atual namorada dele, Natalie, tinha confrontado Julia em um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A redenção de Gabriel"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).